

Histórico de

FERENA PACHECO ALVES - 1927/2016

A personagem da história de hoje chegou a Imbituba com a família (pai, mãe e onze irmãos), aos dez ou doze anos de idade. Era a mais velha dos doze.

Nasceu em Nazaré - município de Imaruí, em 20 de setembro de 1927. Seus pais: Jovino Pacheco e Isaura Pacheco.

O senhor Jovino veio para cá em busca de melhor trabalho. Instalaram-se numa casa, na localidade Lomba, vizinha do Paes Leme.

"Trabalhou no Porto, na época de Henrique Lage, como estivador. Os trabalhadores só recebiam salário no final do ano, se sobrasse algum dinheiro depois de conferir os cadernos de compras na Cooperativa."

Todos os dias, a menina, que recebeu o nome de Ferena Pacheco, ia, com o irmão pelo trilho até a Cooperativa comprar o que a mãe pedia, ou uma vizinha. Lá, já estava o apontador Antulino com os cadernos dos associados sobre o balcão para registrar tudo o que fosse comprado. Voltavam às pressas para a mãe preparar a comida. Retornavam ao Porto para levar o almoço para o pai. Na volta, iam estudar.

A menina Ferena estudou até o 2º ano no Grupo Escolar "Henrique Lage". "A professora era a dona Ana do Dorlin, e também a dona Elisa Costa", disse.

É impressionante a memória detalhista de dona Ferena Pacheco Alves que estará completando 86 anos no próximo mês de setembro, (2013) cercada

pelo carinho dos seus e das inúmeras amigas. Veremos que dona Ferena é muito integrada à sua comunidade.

"Casei com 18 anos de idade. Conheci meu marido no Paes Leme, onde morava com a família".

Manoel Martinho Alves nasceu em 13 de março de 1922, em Araçatuba, mas criou-se no Paes Leme. Seus pais eram Martinho Tomaz Alves e Maria de Souza Alves. O pai trabalhava na Usina Elétrica, com o senhor João Nascimento.

"Manoel serviu o Exército em Joinville, durante a 2ª Guerra Mundial, voltando quando terminou. Começou a trabalhar como estivador no Porto. Começamos a namorar e em pouco tempo casamos (julho de 1946). Manoel não tinha mais pai e mãe; então, fomos morar com os irmãos dele; uma irmã solteira, um irmão noivo e outro de 15 anos. A casa ficava atrás do Hospital(atual), onde tinha um campinho de futebol. Vendemos essa e fomos morar numa próxima à antena da Rádio.

Ali, nasceram nossos oito filhos: Augusta, Santos, Edite, Terezinha, Maria de Lourdes, Benta, Marlene (falecida), e Jorge. Então, mudamos para Vila Nova em 1957. Como estivador, Manoel se associou na 'Associação Profissional dos Estivadores do Distrito de Henrique Lage, em 1952. Foi, portanto, um dos fundadores do Sindicato dos Estivadores Marítimo de Imbituba sob o número 19.

Na nossa casa com chácara, nasceram mais seis filhos: Jaime, Arlete, Jair, Jadir, Vilson e Salomão, este tinha quatro meses quando o pai faleceu. Estávamos há dezenove anos casados".

"Achei que não daria conta de criar meus filhos. De oito anos para baixo, fiquei com sete crianças. A Pensão era pouca. Chamei meu filho Santos, que tinha dezesseis anos e estudava no Internato do Colégio Dehon, em Tubarão, e pedi para ele me ajudar a criar os irmãos menores. Passou a estudar

e a trabalhar aqui; e entregava todo o dinheiro que ganhava para mim. As meninas também me ajudaram muito. Estudavam e, com dezesseis anos, já substituíam professores em licença; quatro delas se formaram professoras".

Colhiam bananas, laranjas, abacates na chácara e os meninos saíam a vender; também vendiam picolés. Santos foi irmão e pai ao mesmo tempo. Custei a voltar à realidade. Manoel era um homem trabalhador, honesto, ótimo marido e pai. Mas fomos felizes depois da sua morte, porque todos os nossos filhos obedeciam ao irmão; o que ele dizia era uma ordem. Se por acaso as crianças brigassem no quintal, bastava dar um assovio, para se acalmarem. Eles nunca me responderam; eram muito amados e me amam até hoje.

O Jaime saía com 21 marmitas penduradas na bicicleta, para entregar aos estivadores do Porto, todos os dias, com calor, com frio, com sol ou com chuva. Graças à Deus, à compreensão, à união, à obediência, à dedicação e ao trabalho dos meus filhos os prepararam para o futuro. Hoje, são todos formados, dedicando-se, cada um à própria família, à união de todas e ao trabalho. Quando podem, sempre ajudam as pessoas necessitadas".

E comentou: "Quando Manoel estava mal no hospital, me disse: - Sei que não vou me recuperar. És nova, bonita, deves casar outra vez. Respondi que se ele fosse embora, não iria arranjar outro casamento. Se Deus te der permissão, me ajuda a criar teus filhos. E Deus quis!"

Disse viver muito feliz por receber muito carinho dos filhos, das noras, dos genros, que também são seus filhos. "Me chamam de mãe."

Dona Ferena tem trinta netos.

E, com um largo sorriso, falou que tem vinte e um bisnetos e mais dois que estão para chegar.

"Rezo muito; agradeço muito a Deus e peço a Ele para que todas as mães sejam tão felizes como eu sou. Ele fecha uma porta, mas abre outra. Para mim, Ele fechou uma, mas abriu várias que continuam abertas. Tenho que plantar flores para colher flores. Plantei uma flor e colhi um jardim florido e perfumado".

"Fico feliz por ver minha família tão unida. Até hoje, meu filho Santos não é só irmão, é o pai. Combinam tudo com ele. Até hoje todos os respeitam. Eu falo para ele que não cresceu, pela responsabilidade que eu dei para ele. Continua com o mesmo tamanho que tinha aos dezesseis anos".

"Aos domingos todos se reúnem aqui.
É uma alegria só"!

De família muito católica, dona Ferena há 58 anos é membro da Irmandade de Santa Ana das Mães Cristãs de Vila Nova. Não deixa de participar das reuniões mensais, nas 2ª terças-feiras. Pertence, ainda, ao Grupo de Mães, desde a fundação.

Em 2002, foi 1ª Festeira, junto com a família, da Festa em honra à Padroeira Santa Ana e ao Divino Espírito Santo em Vila Nova.

A filha Edite pertence ao Grupo de Celebração Católica, e coordena senhoras que dão assistência ao bairro Araçá.

O filho mais moço, Salomão, é ministro da Eucaristia no Bairro Sagrada Família.

Concluiu seu depoimento afirmando que:

"A vida da gente, se contar tudo, dá um livro. Deus meu deu muita força, coragem e calma para suportar tudo o que eu passei; poder criar meus filhos e educá-los, com amor e respeito. Não me canso de agradecer e louvar a Deus todos os dias, a cada momento".

Obrigada, dona Ferena, por sua acolhida maternal, com muita doçura. Fez-nos sentir como se estivéssemos com a nossa mãe. Copiosas bênçãos de Deus à senhora e seus familiares. É inegável que a senhora cumpriu e vem cumprindo com sabedoria e muito amor, a missão que Deus lhe confiou.

31/05/2021 16:23 - Luciane / Benta: FONTE: SANTANA, Maria Aparecida Pamato. Um Símbolo de Superação. Popular Catarinense, Imbituba, 9 jul. 2013. ed. 1487. Revivendo a História Imbitubense, p. 11.
